



Para milhões de brasileiros anônimos, pobres e desempregados, o voto é uma certeza, uma prova, de que estão vivos

Atestado de vida

Meu pai, que morreu aos 92 anos, votou até praticamente o fim da vida. Não precisaria; por causa da idade, e da fragilidade física, estaria dispensado de fazê-lo. Mas o fato

é que ele queria votar. Arranjava uma carona que o levasse até a seção eleitoral e lá colocava a cédula na urna, que ainda não era eletrônica.

Não se tratava de apoiar um partido nem de ideologia – meu pai votava movido exclusivamente por simpatias pessoais. Mas o ato de votar era importante para ele. Representava uma afirmação pessoal, para o emigrante pobre que ele fora. Votando, meu pai existia; como cidadão e como pessoa. E certamente ele não era o único. Para milhões de brasileiros anônimos, pobres, desempregados, o voto é

equivalente àquilo que pode ser chamado de atestado de vida: pessoas têm de apresentar a determinadas repartições um documento provando que ainda não passaram desta para a melhor (só pode ser melhor: “lá”, pelo menos, tais papéis não são necessários).

Fala-se em voto facultativo. É o sistema adotado nos Estados Unidos. Lá, a eleição cai num dia de semana, que nem por isso é feriado. O que é uma pena.

Eleição, no Brasil, é festa – e é uma das raras festas em que todos participam, em que todos se descobrem cidadãos rigorosamente iguais. É claro que, depois da festa, vem o trabalho (para os que têm trabalho). Vem também a ressaca, para alguns. Mas pelo menos é o dia em que os brasileiros, de alguma forma, provam que existem. O voto é um atestado de vida.

Por isso meu pai votava.

Texto publicado em 27 de outubro de 2002

ALIANÇA

D·SIDE

DESIGN EXCLUSIVO
POR BRAD PITT



SAFIRA
Abrindo Sorrisos.

IGUATEMI • PRAIA DE BELAS • BOURBON • MOINHOS DE VENTO • CENTRO

WWW.SAFIRAONLINE.COM.BR